

# Faltaram programas no debate

Candidatos ao Buriti expõem propostas em estúdio de rádio e deixam de detalhar os planos de governo. Valmir não compareceu

Fotos: Francisco Stuckert

A ausência de programas de governo marcou o primeiro debate entre candidatos ao Palácio Buriti, promovido pela Rádio Nacional de Brasília. O não-comparecimento do primeiro colocado nas pesquisas de intenção de voto, senador Valmir Campelo, foi criticado pelos concorrentes. O candidato da Frente Alternativa (PSC/PSD/PCN/PTC), João Teixeira também não compareceu e foi substituído pelo seu candidato a vice, o dentista Paulo Florentino. O candidato da Frente Popular, Cristovam Buarque mostrou mais segurança, apresentando propostas de um esboço de plano de governo. A candidata tucana, Maria de Lourdes Abadia, teve de explicar a presença de dois deputados distritais em sua legenda, acusados de terem sido beneficiados por empréstimos feitos pelo governador Roriz. O candidato do PDT, Paulo Timm, demonstrou otimismo ao garantir que, se eleito seu governo vai gerar 100 mil novos empregos em 100 dias. O debate foi mediado pelo apresentador Walter Lima, com a presença dos repórteres, Paulo Gusmão, do *Jornal de Brasília*, e Luís Turiba, do *Correio Braziliense*.

**Desconforto** — Abadia demonstrou mal-estar com a pergunta sobre as ligações de dois deputados do PSDB com os empréstimos feitos pelo governador Joaquim Roriz. “Esta questão já está entregue ao conselho ético do partido”, disse a deputada, acrescentando que os dois não eram da legenda, quando houve os empréstimos, “e sim do PDT do PFL”. O candidato pelo PDT, Paulo Timm, retrucou que o deputado Salviano Guimarães não era do PDT “à época das negociações”, mas sim do PFL. O comentário do candidato do PDT rendeu um momento de ironia por parte de Cristovam Buarque: “Engraçado, não estamos discutindo se houve corrupção, mas a origem partidária da mesma. No PT é que não foi”, afirmou.

O ex-reitor também mostrou jogo de cintura ao ser questionado se já teria usado maconha. “Como sou asmático, qualquer tipo de fumaça prejudica meu desempenho. Portanto, não gosto de nenhuma erva”. Dessa vez, quem retrucou foi Timm, ao dizer que “sou chegado a uma erva sim: a erva-mate”, argumentou, arrancando risos.

**Milagre** — Timm não conseguia explicar seu projeto de criar 100 mil empregos em apenas 100 dias. A falta de um programa de governo foi demonstrada pelos candidatos que respondiam às questões sobre desemprego, segurança, saúde e educação. O candidato da Frente Alternativa, Paulo Florentino, em vez de defender metas de seu governo, preferiu falar sobre a necessidade de mudar o perfil da administração do Distrito Federal. E não explicou como.

Paulo Timm insistiu na programação em favor de um movimento para preservar a “capital da república no cerrado”, e não explicou como pretende administrar a capital. Abadia preferiu lembrar da coragem de se eleger uma mulher governadora e confessa que o pouco tempo de campanha não lhe permitiu a elaboração de um plano de governo. Cristovam foi mais contundente ao criticar a ausência do senador Campelo. “Não me surpreende. Se viesse, exporia o governador e, portanto, ele mesmo”, afirmou.



O primeiro debate da campanha rumo ao GDF, na Rádio Nacional, reuniu cinco candidatos e não apresentou maiores polêmicas

**W**alter Lima — Paulo Tim, quais são as suas metas de governo caso eleito?

**Paulo Tim** — O PDT comparece a esse processo eleitoral com sua fisionomia própria. Nós, trazemos com a nossa campanha uma posição muito clara em defesa de Brasília como capital da República e contra estes interesses que começam a urdir uma tentativa de transferir a capital para o Rio de Janeiro. O centro de toda nossa postulação é defender a cidade. Que ela assuma sua fisionomia como capital da República. Que ela assuma, sem complexos de culpa, sem nenhum sentimento de inferioridade, porque essa condição de Brasília como capital da República lhe dá grandeza, é o que justificou a sua construção. E é o que justifica a partir de hoje, todos os investimentos que permitirão manter Brasília como uma capital da cidadania.

**Deputada Maria de Lourdes**: Houve um acordo com o PT para que no debate de hoje nenhum batesse no outro?

**Maria de Lourdes Abadia** — Não. O que houve foi que nós conversamos e comentamos a questão, por exemplo, da legislação eleitoral que diz que todos os candidatos deverão ser convidados para os debates. E fica também claro que quem não aceitar o debate, não terá o direito de resposta. Sentimos a ausência do companheiro candidato ao governo do Distrito Federal, Valmir Campelo, porque eu acho que Brasília ganharia muito, nesse primeiro debate. É uma pena. Todos sabem que a minha candidatura foi a última a ser lançada. Nós temos uma equipe trabalhando no nosso projeto de governo, as prioridades de Brasília. Nós conhecemos a realidade social de Brasília, e vamos sem medo. Deus poupou-me do sentimento do medo com toda a coragem que eu sempre tive. Eu não tenho medo de errar, eu não tenho medo de ouvir, eu não tenho medo de críticas. Eu me exponho e me coloco como instrumento para melhorar a realidade social. Este é o meu compromisso inegociável.

**Vamos agora ao candidato Cristovam Buarque**. Professor Buarque, quais as metas do PT caso vença as eleições no Distrito Federal?

**Cristovam Buarque**: Nós fazemos parte de um projeto que não é só o PT. É uma coligação de partidos que não têm culpa de tudo o que acontece nesta cidade, que durante anos denunciou a irresponsabilidade de governos, que trataram a cidade como fosse um território a ser desbravado quando hoje isso é uma sociedade. Para essa sociedade, nós temos uma proposta, como base em três pontos centrais, três eixos. Primeiro é mudar as prioridades do governo. O governo tem que investir para resolver o problema do desemprego, para resolver o problema da educação, da saúde. A segunda mudança é nos métodos de governo. O PT e os demais partidos têm hoje um firme compromisso de um governo transparente, sem contas fantasmas, sem segredos, sem administrar isto aqui como se fosse uma fazenda particular. E a terceira mudança é nas soluções que vamos dar para os problemas. Basta dessa procura de soluções grandiosas para os problemas. Os grandes problemas no governo da gente vão ter soluções simples, baratas, austeras. Vamos formular a mesma pergunta ao candidato Paulo Florentino. Quais são as metas do partido caso vença as eleições?

**Paulo Florentino** — A nossa candidatura ao governo do Distrito Federal nasce de uma necessidade de criar um

novo modelo para gerenciar Brasília. Brasília quando foi criada, foi programada dentro de uma previsão que no ano 2000 chegaria a 500 mil habitantes. Nós estamos a seis anos do ano 2000 e já temos aproximadamente dois milhões e quinhentos mil habitantes em Brasília. E o programa administrativo de Brasília. A maneira de gerenciar Brasília, continua a mesma da época em que se criou Brasília. Eu acho que há uma necessidade urgente de fazer, de planejar, de repensar Brasília. Ontem o programa *Revista Nacional* ouviu mais de 100 pessoas. Perguntamos sobre as prioridades e os problemas da cidade a maioria respondeu: falta de segurança, emprego, em seguida a falta de segurança, posteriormente o preço alto das tarifas dos transportes, depois a saúde, a educação, a falta de incentivo cultural nas cidades-satélites, a questão da região do Entorno e também o processo de escolha do administrador regional. Eu passo a pergunta ao candidato Paulo Tim.

— Em primeiro lugar, eu queria fazer coro com a Lourdinha da Abadia, no sentido de lamentar a ausência nesse debate do Valmir Campelo. A sua ausência contradiz o velho ditado: o nordestino é um forte. Eu estou notando que o Valmir Campelo não está sendo suficientemente forte para dobrar sua assessoria e determinar que quem manda nele é ele e não a assessoria que não deixa ele vir aqui. Eu recomendo, que ele dobre a sua assessoria e prove ao povo dessa cidade que ele é um forte. Agora com relação às questões de plano de governo: Brasília precisa definir a sua vocação. Ela é a capital da República. Tem que assumir essa feição. Essa é a sua alma. A cidade, como as pessoas, têm alma. A alma de Brasília é essa. Precisamos encontrar soluções para o emprego, para a segurança, para os incentivos à cultura sobretudo porque toda a grande capital, seja Roma, seja Paris, deixaram como legado, a cultura dos seus povos. Brasília tem uma obrigação, e ela se justifica se der ao País uma grande projeto cultural que justifique, sua existência. É essa essência de Brasília como capital da República que estão querendo nos roubar. É isso que nós temos que defender. Quanto ao desemprego, eu prometi que dentro de 100 dias eu tenho como definir uma prioridade para criar 100 mil empregos nessa cidade, eliminando essa grande chaga, essa grande mazela que atinge aqueles menos favoritos.

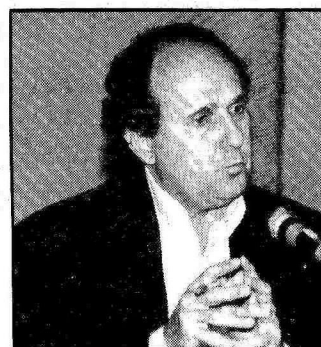
**A mesma questão será apresentada à candidata Maria de Lourdes.**

Quando a população coloca a questão do emprego todos nós sabemos: ruas de Brasília foram tomadas por camelôs, por profissionais que não têm outro meio a não ser uma economia de subsistência por falta de emprego. A questão da segurança também merece a nossa explicação. Hoje mesmo eu tive informações de que na Guaribóia, em Ceilândia, pessoas estavam assaltando crianças na porta de uma escola, roubando tênis. O transporte é essa loucura. A saúde também está completamente sucateada. Eu posso adiantar que o nosso programa já tem nome e já tem cara e já tem diretriz. Ele é quatro anos em três tempos. E o primeiro tempo nós chamaremos de SOS Brasília que é justamente para criar alternativas para solução imediata, urgente, desses problemas levantados aqui pela comunidade. A segunda contará com a parte de estabilização e consolidação de Brasília. E a terceira parte terá propostas e preocupações para Brasília futura para as futuras gerações, para a virada do século.

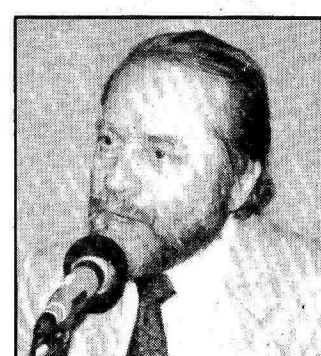
São oito questões em noventa se-



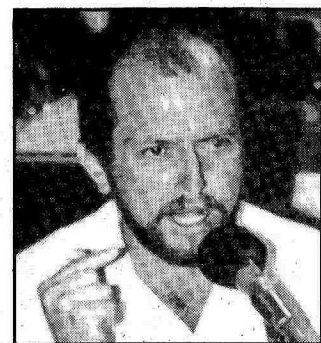
“Eu não tenho medo de errar. Eu não tenho medo de ouvir nem de críticas”



“Basta desta procura de soluções grandiosas para os problemas”



“Que Brasília assuma, sem culpa, a sua condição de capital”



“O governo se esqueceu que o cidadão precisa de saúde e educação”

gundos. Doze para cada um. Eu vou tentar responder a todos. Emprego: não vai ser resolvido apenas com construção civil, porque é um segmento que gera emprego provisório. E nem com as grandes empresas cujo custo para cada emprego é muito alto. Nós vamos ter uma política que já está definida para pequena, micro, ultramicroempresa de fundo de quintal, pessoas individuais. No que se refere à segurança, o que a gente tem que fazer é descentralizar o sistema de segurança. Tem que pôr o povo pra ver quem é que cuida da sua segurança. Tem que mudar o salário da Polícia Militar. Tem que ter treinamento e avaliação. No que se refere à saúde, são três pontos que resolverão o problema. Colocar o lixo mais longe possível das pessoas. Quando eu digo lixo, saneamento, eu digo ter água potável e a coleta de lixo. Colocar o atendimento médico mais perto das pessoas. No que se refere à educação, o que a gente precisa é garantir a todos a educação. Todas as crianças e através de educação popular do ensino aberto, a toda a população. É necessária uma rígida avaliação do trabalho educacional desde os professores até o governador. No que se refere à falta de incentivo cultura em relação à administração regional eu vou responder os dois juntos. Hoje não se dá nenhuma ênfase a cultura nas cidades fora do Plano Piloto porque não há autonomia nessas cidades, porque o administrador está ali só para ficar vinculado ao governador. A nossa proposta é que a escolha do administrador será feita com a consulta à comunidade local. A gente inventa uma forma de eleição, a gente inventa alguma maneira de o governador não escolher da cabeça dele seu compadre, seu sobrinho. Finalmente, quanto ao Entorno eu espero que a gente tenha finalmente uma política conjunta do governo do Distrito Federal, do governo de Goiás e do governo federal para acabar com a situação atual de ter uma região enjeitada por todos que deviam cuidar dela.

Agora o candidato Paulo Florentino. Por que hoje existe hoje a falta de emprego? Aumento do contingente educacional em Brasília. Só que o Governo que está aí se preocupou em dar lote. É uma necessidade, ninguém questiona esta necessidade, porém ele esqueceu que o cidadão para viver tem que ter condições de trabalhar, de transporte, de hospital, de saúde, e de educação. João Ferreira tem uma preocupação enorme com relação a isso, e está inserido ao programa dele. O nosso programa coloca como ponto número um a questão de um grande pacto de Brasília para Brasília, no que tange à criação do novo programa administrativo de Brasília. Este pacto deverá vincular toda a comunidade social. Brasília hoje não é mais a Brasília de antigamente. Tem que se criar pólos industriais, tem que dar condição do povo de Ceilândia trabalhar próximo de Ceilândia, o povo do Gama trabalhar próximo do Gama. Isso só se faz com a criação de pólos industriais. Segurança: a questão é muito simples, é só aumentar o contingente e pagar bem. Transporte é uma questão que eu acho que deve ser muito bem estudada no que tange à exploração das empresas que até agora só pensam no grande lucro. Saúde, educação estão na mesma situação, certo? É a mesma situação da segurança. A falta de incentivo à cultura: Já existe pólos em Brasília que podem fazer o intercâmbio com a própria cidade-satélite e até fora de Brasília para melhorar, para ampliar o sistema de cultura de parceria com o governo do estado de Goiás. A nossa

opinião, em relação ao administrador regional, é que se faça por eleição direta.

**Paulo Gusmão**: Candidato Paulo Timm eu faço a seguinte pergunta: O senhor pretende assumir uma postura de oposição ao atual governo mesmo tendo feito parte dele como secretário do meio ambiente?

**Muito bom, Paulo Gusmão**. Isso me dá oportunidade de esclarecer a minha participação no governo Roriz. Eu tenho dito sempre que, em primeiro lugar, nós temos grande afinidade de programa, o PDT de Brizola, e o governo Roriz. Por exemplo, nós, no Rio de Janeiro, demos 750 mil lotes. Comparando com o que Roriz deu aqui, isso é muito pouco. Agora, a diferença é que nós não criamos e nem industrializamos esse processo de assentamento. Eu entrei no governo com a missão de abrir um canal com o PDT e eventualmente com o PSDB e outros setores da esquerda. Mas, confesso que a minha missão não teve desenvolvimento, e eu mesmo me retirei. O governo Roriz é um governo democrático, foi eleito pelo povo. Com o seu governo nós temos e tivemos sempre profundas divergências políticas. Não conseguimos equacionar. Até os casamentos se dissolvem quando não se produzem as relações de afetividade, de entendimento, que se espera. Eleito governador desta cidade, como suporte do futuro Presidente da República, Leonel Brizola, nós teremos uma atitude em primeiro lugar de estadista, defendendo esta cidade como capital da República, contra todas as tentativas de levá-la para outro lugar. Em segundo lugar, o PDT tem um programa de defesa das estatais, de defesa do estado como instrumento de construção da cidadania, e de defesa do servidor público que teve o seu salário achatado há 3 anos e hoje mendiga nessa cidade para sobreviver, deprimindo o comércio e a indústria. É do fortalecimento desse bloco estatal em Brasília que vão aparecer as oportunidades de desenvolvimento para a cidade e não com o salário de fome e de destruição das estatais e do governo, que vem sendo promovido pelo governo Collor, e agora pelo seu subsequente e por esse plano, que é o plano Fernando Henrique Cardoso, que tem aqui dois defensores, o Valmir e a Abadia, com todo o respeito, que são candidatos a governador dessa chapa. De maneira que a minha posição será de estadista e de independência e de senso de justiça, perante o governo do senhor Joaquim Roriz, do qual eu participei como secretário.

**PAULO GUSMÃO** — pergunta para Maria de Lourdes Abadia — deputada, em seus discursos a senhora tem procurado mostrar uma posição de independência, de não polarização com as outras candidaturas. Essa posição não pode ficar comprometida, caso de confirmar a denúncia de empréstimos recebidos por dois deputados distritais do seu partido das mãos do governador Roriz? **MARIA DE LOURDES ABDIA** — Essa questão da minha independência e desse sentimento libertário até que a população de Brasília tem identificado na nossa proposta, na campanha, eu acho que todos têm essa avaliação. Eu acho que a partir do momento em que nós nos reunimos e o PSDB definiu de ter uma candidatura própria, sem a estrutura já das duas candidaturas montadas, tanto a do PT quando a do PP, eu acho que foi um ato de coragem e a gente tá batendo nisso e realmente está indicado este traço da independência. Agora, com relação a sua colocação, o

■ Continua na página seguinte